

ALMADA

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

GRANDES PROJECTOS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

Conimbriga
Tongobriga
Mesas do Castelinho
Alcalar
Herdade dos Perdigões
Vale do Côa

O Povoado Tardo-Republicano
do Monte dos Castelinhos

Dinâmica Urbana
da zona ribeirinha de Faro

Minimizar em Arqueologia
um novo rumo?

IIª Série n.º 16
Dezembro 2008
10 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

Tempos e Territórios Paleolíticos no Vale do Côa

balanço e perspectivas da investigação do contexto arqueológico da arte

Thierry Aubry e Jorge Davide Sampaio [PAVC]

1. Durante a última década do século XX, a divulgação de testemunhos da actividade gráfica conservados ao ar livre desde o Paleolítico no vale do Côa deu lugar a uma profunda mudança no conhecimento dos comportamentos dos homens do passado. Contudo, num estado inicial da sua divulgação, a descoberta do património que o troço final deste vale encerrava levantou muitas questões sobre os seus autores.

1.1. Cronologia da ocupação paleolítica e modalidade de ocupação do território

Apesar da publicação e atribuição ao Paleolítico das gravuras de Mazouco (JORGE *et al.* 1981) e da publicação da série lítica do sítio de La Dehesa na província de Salamanca (FABIÁN GARCÍA 1986), a teoria do abandono do interior peninsular durante um clima frio vigente no final do Pleistocénico dominava o mundo académico e era aceite sem contestação. Não se esperava encontrar vestígios de uma ocupação durante o Paleolítico superior no vale do Côa, bem como nas regiões do interior Norte de Portugal, antes de 1995.

Na polémica gerada em torno da atribuição estilística da arte do Côa ao Paleolítico, a ausência de contexto contemporâneo foi um argumento avançado, entre outros, por BEDNARIK (1995) e refutado por ZILHÃO (1995). Os primeiros trabalhos de prospecção efectuados e a avaliação dos parâmetros de conservação revelaram a existência de vestígios do Paleolítico na envolvente dos sítios com arte rupestre (ZILHÃO *et al.* 1995). Nos anos que se seguiram, uma sistematização da prospecção à escala do vale, integrando as áreas aplanadas da extremidade Noroeste da Meseta, confirmou uma forte densidade de ocupação humana durante várias fases do Paleolítico superior (AUBRY *in*: ZILHÃO 1997; AUBRY 2001 e 2002). Este primeiro mapa de repartição dos indícios de ocupação revelava, já em 1998, não só a exploração dos recursos do fundo do vale do Côa, Ribeira de Aguiar e do Douro, mas também de áreas graníticas aplanadas, intercaladas entre as profundas cicatrizes da incisão da rede hidrográfica quaternária (AUBRY 1998).

A análise das sequências estratigráficas de sítios das duas áreas geográficas, onde se sucederam os caçadores do Paleolítico superior ao longo do tempo, deixando armas de tipologias distintas, a obtenção das primeiras datações

absolutas para o Paleolítico a Norte do Mondego (VALLADAS *et al.* 2001; MERCIER *et al.* 2001) permitiu estabelecer o quadro cronológico das várias fases de ocupação da região entre 30 000 e 10 000 BP. A análise geológica dos depósitos que constituíam estas sequências estratigráficas possibilita uma reconstituição da evolução e oscilação do clima, globalmente mais frio, contemporâneos destes 200 séculos da história da região (BERGADA e SELLAMI *in* AUBRY, no prelo).

Foi então possível avançar uma correlação entre estes factores ambientais, a variação das espécies animais e a resposta humana, com base na reconstituição da função dos acampamentos. Esta proposta é baseada na análise da organização espacial dos vestígios aí abandonados, da utilização e economia das rochas para o fabrico dos utensílios e na reconstituição da função dos instrumentos. Esta interpretação fundamentou uma proposta interpretativa que considera a complementaridade dos recursos explorados entre os sítios do fundo do vale e dos planaltos graníticos (AUBRY *et al.* 2002 e 2003; AUBRY e SAMPAIO 2003).

Contudo, este modelo de complementaridade entre os recursos destes ecossistemas de âmbito regional não permite explicar a totalidade da informação espacial contida nos dados arqueológicos. Um investimento específico em prospecções geológicas e na análise das matérias-primas utilizadas para fabricar as indústrias líticas abandonadas nos acampamentos da região, indica a existência de variedades de rochas que não são locais e que correspondem petrograficamente aos silices dos afloramentos calcários marinhos da Estremadura portuguesa e continentais das margens setentrionais e meridionais dos relevos da Cordilheira central ibérica (AUBRY e MANGADO LLACH 2003a e 2003b; AUBRY *et al.* 2004). Tal facto, que pode ser explicado por várias modalidades de aprovisionamento ou por contactos socais (AUBRY e MANGADO LLACH 2003b), demonstra a existência de relações entre grupos humanos de regiões localizadas entre o litoral e o interior peninsular ao longo de todo o Paleolítico superior. Esta rede social, mais forte e abrangente durante alguns momentos do Gravettense, se considerarmos a variabilidade das fontes de sílex utilizadas, pode ter facilitado uma rápida difusão das informações técnicas, mas também de símbolos gráficos comuns, num território da ordem de 400 quilómetros de extensão.

Todavia, a demonstração da ocupação desta região durante diversas fases do Paleolítico superior, apesar de constituir um índice adicional a favor da validade das propostas de datação da arte pelo emprego do método da comparação estilística, não fornecia os argumentos definitivos para estabelecer uma relação directa entre esta longa sequência de fases de ocupação atestadas e o(s) momento(s) de realização das gravuras. De facto, poderia também ser considerada a hipótese duma ocupação da região cuja vocação seria unicamente artística e que não teria deixado outros vestígios arqueológicos (ZILHÃO 2003).

1.2. Dados objectivos da correlação com as fases gráficas

Dez anos após a descoberta das gravuras do Vale do Côa, a escavação realizada em frente à rocha 1 do sítio do Fariseu, os dados arqueológicos e estratigráficos, bem como as datações absolutas obtidas pelos métodos TL, OSL e C14, permitiram confirmar a atribuição estilística e a cronologia paleolítica das gravuras (AUBRY e BAPTISTA 2000).

A relação estratigráfica entre as gravuras da rocha 1, os depósitos geológicos, o conteúdo arqueológico e os resultados da datação absoluta permitiram definir que grande parte das figuras gravadas da rocha já estava recoberta por sedimentos resultantes das cheias do Côa, há 15 000 anos (MERCIER *et al.* 2006; AUBRY *et al.* 2007). A descoberta, em Dezembro de 2007, de um fragmento da rocha gravada num nível datado de cerca de 18 400 BP permite recuar a data mínima e demonstrar que a rocha foi gravada antes desta (AUBRY e SAMPAIO 2008).

Uma sondagem aberta na parte central do sítio revelou uma camada depositada anteriormente a esta fase, onde foram encontrados vestígios de pedra e que permitiu obter uma data radiocarbono de cerca de 19 000 BP (equivalente de 22 000-23 000 anos em data calibrada), obtida a partir de um fragmento de carvão recolhido no seu topo. Este dado indicia a conservação de depósitos e vestígios de ocupações mais antigos do sítio que não foram detectados em frente da rocha 1 e que podem ser contemporâneos do momento da sua gravação.

Nos diversos níveis da camada 4 do Fariseu, claramente posteriores à fase de gravação da rocha 1, foram identificadas placas de arte móvel cujo estilo encontra paralelos em motivos gravados nos painéis do Côa. É pos- ▶ 133

sível, assim, encontrar um referencial local para a datação estilística desta fase e demonstrar a existência duma intensa produção artística sobre suportes líticos móveis e rochosos fixos, em contexto arqueológico contemporâneo da última fase fria do Pleistocénico superior (GARCIA DIEZ e AUBRY 2003; AUBRY 2006; AUBRY *et al.* 2007).

Todavia, o acervo do registo da arte rupestre do Vale do Côa ainda não se esgota em paralelos estilísticos com as figuras destas duas fases definidas com base nos dados estabelecidos no sítio do Fariseu. A continuação da investigação e o aumento dos efectivos das peças de arte móvel permitirá, provavelmente, caracterizar com maior precisão a variabilidade da produção artística contemporânea das fases gráficas só conhecidas através de raros indícios de arte móvel não figurativa encontrados em níveis de ocupação subjacentes à camada 4 do Fariseu e associados ao Gravettense final na Cardina (AUBRY e SAMPAIO, no prelo).

1.3. Interpretação da distribuição das rochas gravadas e relação com os depósitos quaternários

Os dados da abordagem geomorfológica que orientou os trabalhos arqueológicos e os dados cronológicos obtidos no sítio do Fariseu e na Penascosa foram integrados numa sequência cronológica onde se sucedem dois processos sedimentares. Dos primeiros resultam depósitos arenosos e silteosos transportados pelas cheias e depositados nas margens do Côa; dos segundos, de natureza coluvial, provenientes da destabilização dos afloramentos rochosos sob o efeito dos ciclos de gelo/degelo nos momentos mais frios do último período glacial, resultam fragmentos rochosos. Estas informações autorizam uma visão dinâmica do território e uma aproximação da evolução da topografia do fundo do vale do Côa. O fundo do vale, e mais especificamente as cotas mais baixas do início das vertentes, constituem lugares privilegiados de conservação dos depósitos sedimentares susceptíveis de proteger os afloramentos rochosos dos efeitos de alteração climática. Esta reconstituição permite avançar uma proposta da evolução da visibilidade do afloramento ao longo do tempo e propor uma explicação para os resultados obtidos pela datação directa de microfragmentos de carvões conservados na superfície das rochas gravadas (AUBRY e SAMPAIO, no prelo).

Esta abordagem "tafonomica", apesar de estar numa fase inicial pelo número reduzido de pontos de observação na área submergida pela albufeira do Pocinho, é primordial para tentar obter uma visão mais objectiva da distribuição original dos frágeis testemunhos da actividade gráfica do fim do Paleolítico superior, ao longo das vertentes (BAPTISTA e REIS 2008) e no limite da planície aluvial, onde estão preferencialmente concentradas as rochas ornamentadas conhecidas, da fase antiga da arte do Côa.

2. Perspectivas

2.1. Prospecção do planalto

A análise prévia das sequências estratigráficas de alguns dos sítios identificados em 1997 no planalto das Pedras Altas (AUBRY 1998), revelou condições únicas de preservação de vestígios arqueológicos. Ao contrário das dinâmicas sedimentares que caracterizam o fundo do vale, no planalto, os factores essencialmente de cariz geomorfológico, propiciaram sequências sedimentares pouco espessas mas onde a erosão natural não actuou de forma destrutiva. Apesar de, regra geral, se encontrarem mais ou menos dispersos nesta área restos líticos tipo/tecnologicamente integráveis no Paleolítico superior, tendo já sido levado a cabo o seu registo sistemático, não foi ainda posto em marcha um plano de sondagens fino e sistemático, que possa avaliar com rigor uma leitura de outros possíveis locais de ocupação. Quer com base nos registos feitos durante as prospecções desenvolvidas há cerca de 10 anos atrás, quer no mapeamento geomorfológico detalhado das situações onde, apesar de não se revelarem conjuntos artefactuais na superfície dos solos, as condições topo e hidrográficas possam ter permitido uma conservação semelhante à dos sítios já sondados (Olga Grande 2, 6 e 13) e escavados (Olga Grande 4 e 14), será importante prever tal projecto.

Para além de uma possível avaliação mais fina das sequências culturais da ocupação humana da região, tal projecto, de fácil execução, pode fornecer novos dados de forma a complementar o conhecimento já existente da interpretação funcional dos testemunhos e das estruturas de combustão que apresentam um estado de conservação único no contexto do Paleolítico superior ao ar livre no Sudoeste Europeu.

2.2. Continuação da escavação em extensão do sítio de Fariseu e Cardina I

O sítio do Fariseu apresenta-se como único em relação ao conjunto de sítios estudados no vale do Côa até à presente data. Tal singularidade advém do facto de permitir objectivar a cronologia da arte paleolítica do Côa e, em simultâneo, conhecer a fauna caçada, pescada e gravada nas margens do rio Côa durante o fim do Paleolítico superior.

Por ter revelado tamanho potencial arqueológico no que diz respeito a uma melhor caracterização, não só da idade das gravuras, mas também do conhecimento do tipo de actividades desenvolvidas no fundo do vale (quer artísticas, quer da exploração dos recursos fluviais), tem sido mantida alguma insistência no seu estudo. O problema que se coloca em relação à continuação dos estudos sobre este sítio reside no facto do mesmo se encontrar por baixo da cota média da albufeira da barragem do Pocinho, inviabilizando a sua intervenção sem o seu abaixamento. Não obstante, foi possível até

à presente data, graças ao apoio da EDP e do Instituto Português e de Transportes Marítimos, levar a cabo três campanhas de escavação no sítio (1999, 2005 e 2007), por períodos de cerca de um mês cada.

A descoberta, na área central, do sítio de depósitos de cronologia mais antiga que a sequência conservada frente a rocha 1, que contém vestígios de pedra lascada e a datação obtida de cerca de 19 000 BP autoriza, desde logo, a ideia que é possível, em intervenções futuras, escavar numa superfície maior o mesmo nível ou outro porventura mais antigo. Para além da atribuição de uma data mínima de 18 400 anos a uma parte das gravuras da rocha 1, poderá ser possível fazer recuar a sua antiguidade com base numa definição contextual das camadas conservadas na parte central a que já nos referimos, e que requer ser intervençionada a seco. Tal facto possibilitaria estabelecer a relação estratigráfica e precisar a cronologia da fase antiga da arte do Côa.

Não sendo uma solução acessível pelo facto do nível do rio Côa estar sob influência do enchimento da barragem do Pocinho, tal poderá passar pela extracção temporária do volume de água artificialmente acumulada entre o paredão existente mais a jusante, junto à Canada do Inferno, e a foz da Ribeira de Piscos (cujos cálculos ascendem a cerca de dois milhões de metros cúbicos), ou à criação de condições de isolamento do sítio (a partir da implementação de uma barreira física) e extracção parcial da água.

A continuação das investigações no sítio de Cardina I, intervençionado entre 1995 e 2001, requer um conjunto de condições logísticas igualmente especiais, mas de mais fácil implementação. Em primeiro lugar, face à localização do sítio, o investimento de tempo necessário para as deslocacões; em segundo, a natureza compacta do solo que torna morosos os trabalhos de escavação; e, por último, a dificuldade no tratamento dos sedimentos daí resultantes. Face a estas dificuldades, a solução para uma intervenção eficaz teria que passar pela criação de condições para a permanência de uma equipa no local por um período de tempo alargado, bem como para limpeza e triagem dos sedimentos com recurso a aparelhos próprios. Todas estas condicionantes obrigariam igualmente à constituição de uma equipa multidisciplinar, de forma a rentabilizar as várias etapas que se colocam num sítio desta natureza.

2.3. Sondagens geológicas em sítios com um potencial de conservação dos depósitos aluviais. Datações radiométricas contemporâneas do Último Máximo Glaciar e do Tardiglaciar

Como já foi referido no ponto 1.3, o fundo do vale e mais precisamente o limite da planície aluvial e das vertentes rochosos, constitui um lugar privilegiado para a acumulação e a conservação de depósitos sedimentares. ► 137

Ao contrário da relativa facilidade na exequibilidade de um projecto de sondagens no planalto granítico, tal colocará outros desafios a cotas mais baixas nas margens do rio Côa, sobretudo nos locais afectados pelo referido enchimento de água. No entanto, as margens compreendidas entre o limite de acumulação artificial de água (Foz da Ribeira de Piscos) e a Penascosa, mais para montante, revelam condições potenciais de preservação arqueológica. A existência de depósitos arenosos na Quinta da Ervamoira e o conjunto artefactual identificado em 1996 no sítio do Colmeal, justificam por si só tal possibilidade. O processo de erosão das águas do Côa não parece ter actuado nas cotas mais altas destes depósitos aluviais, tendo possivelmente permitido uma conservação parcial mas satisfatória de registos sedimentares e arqueológicos.

Apesar de já ter sido possível estabelecer um quadro interpretativo para a ocupação do troço final do rio Côa durante o Paleolítico superior (AUBRY e SAMPAIO 2008 e no prelo), o mapeamento e estudo de possíveis sequências estratigráficas com ecofactos conservados nas suas margens, à semelhança do sítio de Fariseu, possibilitaria uma melhor caracterização das estratégias de ocupação e exploração deste território.

Bibliografia

- AUBRY 1998; 2001; 2002; 2006; no prelo.
 AUBRY e BAPTISTA 2000.
 AUBRY e MANGADO LLACH 2003a; 2003b.
 AUBRY e SAMPAIO 2003; 2008; no prelo.
 AUBRY et al. 2003; 2006; 2004; 2002.
 BAPTISTA e REIS 2008.
 BEDNARICK 1995.
 FABIÁN GARCIA 1986.
 GARCÍA DIEZ e AUBRY 2003.
 JORGE et al. 1981.
 MERCIER et al. 2006; 2001.
 VALLADAS et al. 2001.
 ZILHÃO 1995; 2003; 1997.
 ZILHÃO et al. 1995.

[ver referências desenvolvidas em Bibliografia final]



A Faia Brava: o Côa em ambiente granítico.

Foto: José Paulo Ruas

A Arte do Côa e o Ordenamento do Território

Luis Luis [PAVC, lluis.pavc@igespar.pt]

Paradigmático a vários títulos, o processo de identificação e preservação da arte rupestre do Vale do Côa, aliado às suas características próprias, teve igualmente repercussões ao nível da forma como compreendemos o património arqueológico na sua relação com o planeamento e ordenamento do território.

Salva a arte do Côa de um risco imediato, a sua protecção legal foi obtida através da classificação de um conjunto de sítios de arte e ocupação como Monumento Nacional (Decreto n.º 32/97, de 2 de Julho), seguida pelo reconhecimento pela UNESCO.

O preâmbulo daquele diploma defendia que este património “deverá ser preservado na sua inserção natural”, o que seguia o discurso da comunidade arqueológica: “o monumento a preservar era o vale”¹. Para além de proteger os painéis, era igualmente necessário preservar o território que os enquadra e lhes confere sentido.

Criado em Agosto de 1995, o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) existe apenas enquanto serviço dependente do Ministério da Cultura, sob a tutela de três institutos sucessivos, com a função de investigação, salvaguarda e gestão da fruição pública do património artístico do Baixo Côa.

A figura de Parque Arqueológico (PA), enquanto entidade gestora de um território, não existia ainda no ordenamento jurídico nacional. Iniciou-se então um processo em que uma realidade arqueológica andou à frente e influenciou a construção do edifício legal².

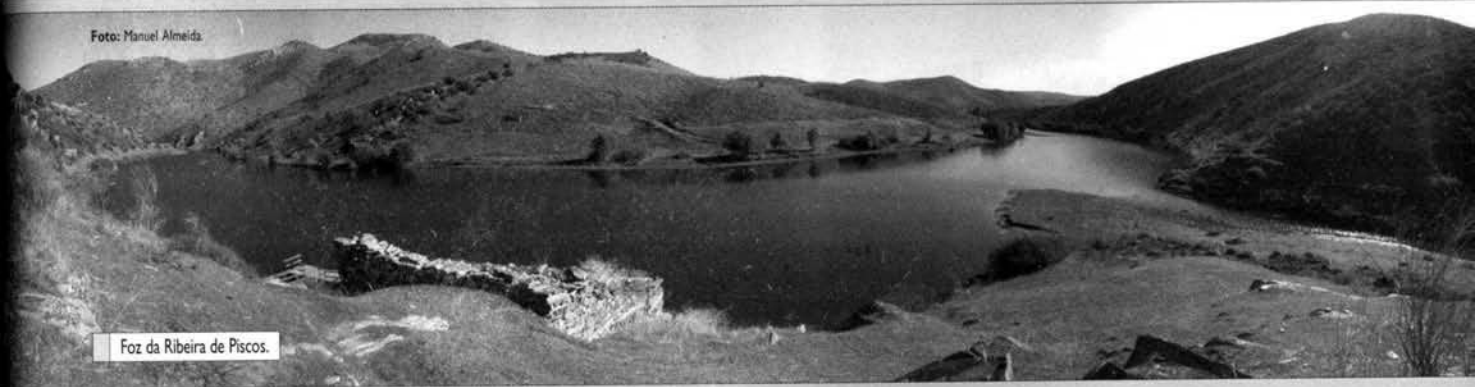
Num primeiro momento, suspenderam-se, pelo prazo de dois anos, os Planos Directores Municipais dos concelhos de Vila Nova de Foz Côa, Pinhel, Figueira de Castelo Rodrigo e Meda, numa área de cerca de 200 km², em torno dos núcleos de arte (Decreto-Lei n.º 50/99, de 16 de Fevereiro). Foi assim criado de facto o território do PAVC, que ficava sujeito a um conjunto de medidas preventivas.

Apesar de prorrogado por seis meses (Decreto-Lei n.º 95/2001, de 23 de Março), o prazo desta suspensão cessou sem que a figura legal de PA tivesse sido criada. Só com a publicação da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, do Património cultural, se definiu a figura de PA como “qualquer monumento, sítio ou conjunto de sítios arqueológicos de interesse nacional, integrado num território envolvente marcado de forma significativa pela intervenção humana passada, território esse que integra e dá significado ao monumento, sítio ou conjunto de sítios” (n.º 4 do art. 74.º).

¹ JORGE 1995: 665-670 (para desenvolvimento desta e de outras referências, ver Bibliografia final); ZILHÃO 1998.

² PAU-PRETO e LUIS 2003; LUIS 2008b: 57-58 e 62.

Foto: Manuel Almeida



Foz da Ribeira de Piscos.

Dinamização Cultural Junto da Comunidade

Jorge Davide Sampaio e Rosa Jardim [PAVC]

No âmbito dos objectivos do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), e para além do obrigatório cumprimento das medidas de protecção, conservação e divulgação do património arqueológico, têm sido desenvolvidas nos últimos anos acções tendentes à promoção cultural na sua área de abrangência. Com a realização de tais acções, pretendeu-se acima de tudo efectivar uma ligação das populações e agentes culturais locais aos valores patrimoniais, no caso concreto o importante legado artístico paleolítico classificado como Património da Humanidade.

Neste sentido, tem sido hábito aproveitar duas efemérides: Agosto, data em que o PAVC foi criado, e a classificação da arte do Côa como Património da Humanidade, que ocorreu em Dezembro. Em ambas, por períodos que se estendem por uma ou duas semanas, têm sido levadas a cabo actividades não só relacionadas com a arte rupestre e a Arqueologia, como também a promoção de eventos musicais, entre outros associados aos produtos regionais, dos quais têm merecido destaque a vinha e o vinho. Aliás, no âmbito destas comemorações, tem-se procurado uma associação entre ambos os patrimónios da Humanidade que se fundem no Côa: a milenar Arte Rupestre e o Douro Vinhateiro, procurando-se também associar público visitante e comunidades residentes.

No sentido de proporcionar uma maior ligação das populações em todo o Vale do Côa e Distrito da Guarda, no qual o PAVC se insere, com a arte rupestre e o património arqueológico, foi concebida, em parceria com a Câmara Municipal da Guarda, uma exposição itinerante sobre a Arte e a Arqueologia do Vale do Côa ("A Arte que o Côa Guarda"). Inaugurada na capital de Distrito, passou já pelo Sabugal, Vila Nova de Foz Côa, Celorico da Beira e Tranco-

so. Esteve também patente ao público em Braga, no âmbito da inauguração do remodelado Museu D. Diogo de Sousa. Esta exposição serve de palco a oficinas e actividades educativas destinadas essencialmente a um público escolar, bem como a palestras para o público em geral. As câmaras municipais e as escolas marcam as oficinas e actividades que pretendem, tendo sido possível aos técnicos do Parque, em cada uma das localidades, realizar actividades com largas centenas de crianças.

Em parceria com entidades locais e regionais (câmaras municipais, juntas de freguesia e associações de defesa do património e do ambiente),

o PAVC tem também vindo a colaborar na criação de centros de interpretação e acolhimento, designadamente nas freguesias de Cidadelhe (Pinhel), Algodres (Figueira de Castelo Rodrigo) e Fóios (Sabugal).

Uma outra linha de actuação é a articulação com Siega Verde e a procura de uma maior ligação ao público do outro lado da raia. Neste contexto foi inaugurada recentemente uma exposição conjunta com a Junta de Castilla y León, subordinada ao tema da arte rupestre paleolítica ao ar livre, incluindo os sítios do Vale do Côa e de Siega Verde.



Oficina de Arqueologia experimental realizada na Guarda, no âmbito da Exposição "A Arte Que o Côa Guarda" (promovida pela Câmara Municipal da Guarda em colaboração com o PAVC).

Bibliografia geral

- AUBRY, T. (1998) – "Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1 (1): 5-26.
- AUBRY, T. (2001) – "L'Occupation de la Basse Vallée du Côa Pendant le Paléolithique Supérieur". *Trabalhos de Arqueologia*. 17: 253-273 (Actas do Colóquio "Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique", V. N. Foz Côa, 22-24 Out. 1998).
- AUBRY, T. (2002) – "Le Contexte Archéologique de l'Art Paléolithique à l'Air Libre de la Vallée du Côa". In SACCHI, D. (ed.). *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Études Préhistoriques, pp. 25-38 (Actes du Colloque, Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999).
- AUBRY, T. (2006) – "Vallée du Côa: un art préhistorique unique". *Archéologia*. 436: 62-71.
- AUBRY, T., coord. (no prelo) – *200 Séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas paleolíticos*.
- AUBRY, T. e BAPTISTA, A. M. (2000) – "Une Datation Objective de l'Art du Côa". *La Recherche*. Hors Série. 4 (nov. 2000): 54-55.
- AUBRY, T. e MANGADO LLACH, J. (2003b) – "Modalidades de Aproveitamento em Matérias-Primas Líticas nos Sítios do Paleolítico Superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação". In MATEUS, J. E. e MORENO-GARCIA, M. (eds.). "Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura". *Trabalhos de Arqueologia*. 29: 340-342.
- AUBRY, T. e MANGADO LLACH, X. (2003a) – "Interprétation de l'Approvisionnement en Matières Premières Siliceuses sur les Sites du Paléolithique Supérieur de la Vallée du Côa (Portugal)". *Préhistoire du Sud-Ouest. Supplément*. 5: 27-40 (Actes de la Table Ronde d'Aurillac "Les Matières Premières Lithiques en Préhistoire", 20-23 Jun. 2002).
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2003) – "Remontagem de Rochas Termo-Alteradas: um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga Grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)". In MATEUS, J. E. e MORENO-GARCIA, M. (eds.). "Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura". *Trabalhos de Arqueologia*. 29: 331-335.
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2008a) – "Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio". In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 7-30 (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: actas das sessões).
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2008b) – "Fariseu: new chronological evidence for open-air Palaeolithic art in the Côa valley (Portugal)". *Antiquity*. York. 82 (316). Disponível em <http://www.antiquity.ac.uk/ProjGall/aubry/index.html> (citado em 3 de Junho de 2008).

- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (no prelo) – “Chronologie et Contexte Archéologique des Gravures Paléolithiques de Plein Air de la Vallée du Côa”. In *Actas do Curso de Arte Rupestre al Aire Libre. Investigación, protección, conservación y difusión* (Salamanca, 15-17 Jun. 2006).
- AUBRY, T.; CHAUVIERE, F. X.; MANGADO LLACH, X. e SAMPAIO, J. D. (2003) – “Constitution, Territoires d'Approvisionnement et Fonction des Sites du Paléolithique Supérieur de la Basse Vallée du Côa”. In VASIL'EV, S. A.; SOFFER, O. e KOZLOWSKI, J. (eds.). “Perceived Landscapes and Built Environments: The cultural geography of Late Paleolithic Eurasia”. *BAR S1122*, pp. 83-92 (Acts of the XIVth UISPP Congress, University of Liège, Belgium, 2-8 September 2001).
- Aubry, T.; LUÍS, L. e SAMPAIO, J. D. (2006) – “Primeira Datação Absoluta para a Arte Paleolítica ao Ar Livre. Os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa)”. *Al-Madani*. IIª Série. 14: 48-52.
- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; FULLOLA, J. M.; ROSSEL, L. e SAMPAIO, J. D. (2004) – “The Raw Material Procurement at the Upper Palaeolithic Settlements of the Côa Valley (Portugal): new data concerning modes of resource exploitation in Iberia”. In “The Use of Living Space in Prehistory”. *BAR International Series*. 1224, pp. 37-50 (papers from a session at the EAA 6th Annual Meeting, Lisbon 10-17 Sep. 2000).
- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SELLAMI, F. e SAMPAIO, J. D. (2002) – “Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. 76 (291): 62-76.
- BAPTISTA, A. M. (1983) – “O Complexo de Gravuras Rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)”. *Arqueologia*. Porto. 8: 57-69.
- BAPTISTA, A. M. (1999) – *No Tempo Sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC.
- BAPTISTA, A. M. (2000) – “Procês de Foz Côa (Portugal). História i arqueologia”. *Cota Zero*. 16: 96-110.
- BAPTISTA, A. M. (2003) – “Fauna Plistocénica na Arte Rupestre do Vale do Côa”. *Tribuna da Natureza*. Porto. 4 (13): 14-20.
- BAPTISTA, A. M. (2008) – “Aspectos da Arte Magdalense e Tardi-Glacial no Vale do Côa”. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (2007)*. Vila Nova de Foz Côa. Vol. 1, pp. 14-31.
- BAPTISTA, A. M. (2009) – *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal / Paradigm lost. Côa Valley and the open-air palaeolithic art in Portugal*. Porto: Edições Afrontamento / PAVC.
- BAPTISTA, A. M. e GARCÍA DIEZ, M. (2002) – “L'Art Paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air”. In SACCHI, D. (ed.). *L'Art Paléolithique à l'Air libre. Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Études Préhistoriques, pp. 187-205.
- BAPTISTA, A. M. e GOMES, M. V. (1998) – “Arte Rupestre”. In ZILHÃO, J. (ed.). *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-409.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (2008) – “Prospecção de Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IP Idade do Ferro”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 62-95.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (no prelo) – “Prospecção de Arte Rupestre no Vale do Côa e Alto Douro Portugues: ponto da situação”. In BALBIN BEHRMANN, R. e BAPTISTA, A. M. (eds.). *Actas do Curso de Arte Rupestre al Aire Libre. Investigación, protección, conservación y difusión*. Salamanca.
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. e CORREIA, D. (2006) – “Da Ambiguidade das Margens na Grande Arte de Ar Livre no Vale do Côa: reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca”. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 8: 156-184.
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. e CORREIA, D. (2008) – “Estruturação Simbólica da Arte Gravetto-Solutrense em Torno do Monte do Fariseu (Vale do Côa)”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 38-61.
- BEDNARICK, R. (1995) – “The Côa Petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art”. *Antiquity*. 69: 877-882.
- CARDOSO, José (1994) – *A Geografia da Ibéria Segundo Estrabão*. Edições APPACDM Distrital de Braga.
- CARVALHO, A. F. (2003) – “O Final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2): 229-273.
- CARVALHO, A. F. (2004) – “O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o Início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1): 185-219.
- CRUZ, D. J. da (1998) – “Expressões Funerárias e Culturais no Norte da Beira Alta”. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8: 149-166 (Actas do Colóquio “A Pré-História na Beira Interior”, Tondela, Nov. 1997).
- FABIÁN GARCIA, J. F. (1986) – “La Industria Lítica del Yacimiento de la Dehesa en El Tejado de Béjar (Salamanca). Una indústria de tipología magdalense en la Meseta”. *Numentia*. 2: 101-143.
- FERNANDES, António Pedro Batarda (2004) – “O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: filosofia, objectivos e acções concretas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (1): 5-37.
- FERNANDES, António Pedro Batarda, ed. (2008) – *A Arte da Conservação: técnicas e métodos de conservação em arte rupestre*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 2 (3º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: actas).
- GARCÍA DIEZ, M. e AUBRY, T. (2003) – “Grafismo Mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu”. *Zephyrus*. 55: 157-182.
- GARCÍA DIEZ, M. e LUÍS, L. (2002-03) – “José Alcino Tomé e o Último Ciclo Artístico Rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia”. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10-11: 199-223.
- JORGE, S. O. e RUBINOS, A. (2002) – “Absolute Chronology of Castelo Velho de Freixo Numão (Northern Portugal): data and problems”. *Journal of Iberian Archaeology*. Lisboa. 4: 83-105.
- JORGE, S. O.; JORGE, V. O.; ALMEIDA, C. A. F. de; SANCHES, M. J. e SOEIRO, M. T. (1981) – “Gravuras Rupestres de Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta)”. *Arqueologia*. Porto. 3: 3-12.
- JORGE, V. O., coord. (1995) – “Dossier Côa”. *Separata especial de Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4). Porto: SPAE.
- LEMO, F. S. (1994) – “Dossier Côa. I: o relatório de impacto patrimonial (1989)”. *Forum*. Braga. 15-16: 141-156.
- LUÍS, L. (2005) – “Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa: balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa”. *Côavisão*. V. N. Foz Côa. 7: 31-60 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior).
- LUÍS, L. (2008a) – *A Arte e os Artistas do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC / Ass. Mun. Vale do Côa.
- LUÍS, L. (2008b) – “A Construção da Carta Arqueológica do PAVC: a sua importância para a investigação e gestão do património do Vale do Côa”. In LUÍS, L. e PINTO, M. (eds.). *Investigar e Valorizar o Património*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 2, pp. 52-63 (Fórum Valorização e Promoção do Património Regional: actas das sessões).
- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; AUBRY, T.; ZILHÃO, J.; JORONS, J.-L.; REYSS, J.-L. e SELLAMI, F. (2006) – “Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. York. 80 (310). Disponível em <http://antiquity.ac.uk/ProjGall/mercier/index.html> (citado em 25 de Setembro de 2006).
- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FROGE, L.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L. e AUBRY, T. (2001) – “Application de la Méthode de la Thermoluminescence à la Datation des Occupations Paléolithiques de la Vallée du Côa”. *Trabalhos de Arqueologia*. 17: 275-280 (Actas do Colóquio “Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique”, V. N. Foz Côa, 22-24 Out. 1998).
- MONTEIRO-RODRIGUES, S.; FIGUEIRAL, I. e LÓPEZ SÁEZ, J. A. (2008) – “Indicadores Paleoambientais e Estratégias de Subsistência no Sítio Pré-Histórico do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal)”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 96-119.
- PAU-PRETO, F. e LUÍS, L. (2003) – “Plano de Ordenamento de Parque Arqueológico: uma nova figura de planeamento”. *Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*. Aveiro. 1: 73-79.
- SANTOS, A. T. (2008) – “O Vale do Côa: o Homem que criou e o outro que ainda o vive”. In *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional*. Vol. 3, pp. 6-11.
- VALLADAS, H.; MERCIER, N.; FROGET, L.; JORONS, J.-L.; REYSS, J.-L. e AUBRY, T. (2001) – “TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal)”. *Quaternary Science Reviews*. 20 (5-9): 939-943.
- ZILHÃO, J. (1995) – “The Age of the Côa Valley (Portugal) Rock Art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of ‘scientific’ dating to historic or proto-historic times”. *Antiquity*. 69 (266): 883-901.
- ZILHÃO, J. (1998) – “The Rock Art of the Côa Valley, Portugal: Significance, Conservation and Management”. *Conservation and Management of Archaeological Sites*. 2 (4): 193-206.
- ZILHÃO, J. (2003) – “Vers une Chronologie Plus Fine du Cycle Ancien de l'Art Paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail”. In BALBIN, R. e BUENA RAMÍREZ, P. (eds.). *El Arte Prehistórico Desde los Inicios del Siglo XX: primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.
- ZILHÃO, J., coord. (1997) – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996. Relatório científico ao Governo da República Portuguesa elaborado nos termos da Resolução do Conselho de Ministros n.º 4/96, de 17 de Janeiro*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. Faustino de; ZAMBUJO, G. e ALMEIDA, F. (1995) – “O Sítio Arqueológico Paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4): 471-485 (Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular).